

Entrevista **Elias Chacour**

A emigração está a matar-nos

Três vezes candidato ao Nobel da Paz, o arcebispo católico-melquita da Galileia diz que a fuga dos cristãos do Médio Oriente às perseguições está a matar as comunidades dos lugares onde Jesus nasceu. E conta o que disse um dia ao actual Presidente israelita, que acabaria a dar-lhe razão...

António Marujo

● Acabado de ser ordenado padre, no final dos anos 1960, Elias Chacour chegou à aldeia de Ibillin, na Galileia (Norte de Israel). À volta, viu miúdos de olhar vazio. Dormiu meio ano no carro, enquanto preparava uma escola. Quatro décadas depois, a pequena experiência deu lugar a um complexo com mais de 4500 estudantes, incluindo universitários, e onde cabem cristãos, muçulmanos, drusos e mesmo judeus.

Desde Fevereiro de 2006, Chacour é arcebispo da Galileia, da Igreja Católica Melquita - a maior comunidade cristã em Israel, com 76 mil crentes (a segunda maior, grega ortodoxa, tem 40 mil). Foi ele a acolher o Papa na missa que Bento XVI celebrou em Nazaré, em Maio de 2009. Nomeado três vezes para o Nobel da Paz e com outras distinções no âmbito da paz e direitos humanos, incluindo de instituições dos Estados Unidos e de budistas japoneses, diz que o Nobel apenas traria mais "visibilidade" ao seu trabalho.

Nesta entrevista, Chacour fala do êxodo e dos recentes atentados contra cristãos do Médio Oriente, recorda que Jesus e os seus discípulos nasceram na Galileia, critica a política de Israel, condena a violência do Estado ou dos indivíduos e diz que israelitas e palestinianos devem pensar que têm o privilégio de viver juntos. Elias Chacour é autor de vários livros sobre a situação na região e a história de Ibillin, entre os quais *Blood Brothers* e *J'ai Foi en Nous* (não publicados em Portugal).

Como nasceu a ideia da escola de Ibillin?

De uma necessidade. Um mês depois da minha ordenação sacerdotal, o meu bispo mandou-me para a aldeia de Ibillin. Como não tinha sítio para dormir, vivi durante seis meses num carro. Tinha sido enviado por um mês. Mas o meu bispo era como todos - incluindo eu: têm memória curta. E ele esqueceu-se. Passei 38 anos na aldeia, à espera que passasse um mês.

Foi lá que aprendi que a comunidade árabe de Israel é o pequeno resto da grande comunidade palestinianiana que foi etnicamente apagada, deportada, expulsa de suas casas. Só um pequeno resto ficou no território da Palestina que se tornou Israel.

De que comunidade falamos hoje? Muito jovem: 75 por cento têm menos de 28 anos e metade tem menos de 14 anos. Em Ibillin, pensei: devo dar a minha vida pela educação da juventude. Começámos por juntar livros para fazer uma biblioteca



JOSEPH EID/AFP

pública. Ao mesmo tempo, pensei fazer colónias de férias. As crianças têm dois meses de férias de Verão, nada para fazer nem para onde ir. Passam o tempo a olhar as colónias judaicas que foram construídas nas suas terras confiscadas. Pensei: isto não pode continuar. Fizemos a primeira colónia de férias com 1127 crianças; na última, em 1980, tivemos mais de cinco mil, de 30 aldeias da Galileia.

Surgiu depois a universidade...

Em 2001, começámos a trabalhar na universidade. Em Março de 2009, tivemos o reconhecimento do Conselho de Educação de Israel. Logo depois, a decisão foi ratificada pelo Governo. Sem dinheiro, não podemos ter uma universidade. Se o tivermos, daqui a três ou quatro anos, teremos mais de quatro mil ou cinco mil estudantes: todos os anos, 12 mil estudantes da minoria árabe vão para a Jordânia. Se conseguirmos recuperar cinco mil, será já uma grande universidade.

A experiência é positiva?

Muito. Os estudantes trabalham na escola, vivem em conjunto, conhecem-se como homens e mulheres com relações de amizade. Diz que os cristãos da Terra Santa são factor de diálogo, mas eles próprios se dividem em muitas igrejas. Como podem ser sinal de reconciliação?

Tudo o que diz respeito aos lugares santos não tem nada a ver com os cristãos palestinianos, é entre religiosos estrangeiros, franciscanos, gregos, etíopes. Por isso afirmamos que não estamos divididos em diferentes igrejas, mas unidos em diferentes igrejas. Como os irmãos de uma família que depois constituem outras famílias, permanecendo unidos.

É por isso que escreve que Deus não é melquita nem católico nem ortodoxo?...

Até diria mais: Deus não é mesmo cristão. Felizmente. Senão, que cristão seria? Um cristão reformado, re-reformado ou ainda não reformado? Deus está acima disso.

Que críticas faz à política de Israel?

Somos cidadãos de segunda. Há muito a fazer para que uma igualdade democrática seja praticada. Mas é preciso descer do global ao local: é preciso ter relações de amizade com cada judeu que possamos encontrar. O judeu é como o cristão: há uma diferença entre o cristão e a cristandade. Tenho muitos amigos judeus, tenho muito orgulho nisso. Mas a política de Israel em relação aos árabes é muito segregacionista. E isso não pode continuar.

"Nós, cristãos, temos uma bomba poderosa: não podemos odiar, essa é a nossa força"

Os católicos, em Israel, são árabes mas não muçulmanos, israelitas mas não judeus, católicos mas não de rito latino, orientais mas não ortodoxos. Minoritários em tudo... Sim, mas se perdermos o tempo a perguntar o que não somos, será uma existência muito triste. Se perguntarmos o que podemos fazer no interior desta grande diversidade, em vez de ver o negativo, começamos a ver o potencial. É belo ser diferente mas complementar.

Os cristãos creem que o Messias já veio, os judeus esperam-no. Diz que é possível todos trabalharem para que o Messias venha ou volte...

Sim... Creio que o Messias já veio, o irmão rabino acredita que ele ainda virá. Acreditamos os dois no Messias, trabalhem juntos para fazer a nossa vida humana respeitável para que ele venha - e ele nos dirá se já tinha vindo ou se vem. Não vale a pena perder tempo a ver as pessoas morrer na guerra, no ódio, na segregação, por causa de saber se o Messias veio ou virá.

A noção de povo escolhido coloca dificuldades ao diálogo com os judeus? Sim, mas permite também extraordinárias possibilidades. Não sei se um cristão poderia explicar-me o Evangelho sem referência ao Antigo Testamento. Eles completam-se: é a história de Deus na história humana. Os muçulmanos e os judeus não precisam de aprender a viver juntos. Precisamos de nos recordar como vivíamos juntos há 60 anos. Até aí, havia judeus em todos os países árabes muçulmanos. Viviam bem, eram tratados como os muçulmanos. O rei de Marrocos recusou entregar judeus à Gestapo. O judaísmo em Damasco é uma história proverbial de bondade. Em Alexandria ou no Iraque, eles eram senhores...

Precisamos de nos recordar disso, em vez de nos fixarmos na desconfiança que dura há 60 anos, não por causa da religião nem da raça, mas do território. Os judeus vieram da Europa e de outros lados para privar os palestinianos do seu território, que os judeus queriam chamar Israel, em vez de aceitar humildemente viver com os palestinianos. Optaram por deportá-los, tomando o seu lugar, destruíram mais de 460 aldeias e cidades palestinianas.

O senhor foi também uma vítima? Sim, sim... Tinha oito anos, mas lembro-me dos pormenores todos... É possível manter a ideia do regresso às antigas aldeias palestinianas? Não é possível esquecer. O meu pai morreu em 1992, aqui, em Haifa. Era muito pobre. Transportámo-lo para o enterro na aldeia de Bar-am [Sul]. Os nossos casamentos, funerais, baptismos são feitos nas igrejas à volta das ruínas das nossas aldeias. Se os judeus esperaram dois mil anos para regressar, nós podemos esperar dois mil anos, também...

Disse isso uma vez a Shimon Peres. Sim... Ele respondeu: "Tem razão." Mas não há um líder político corajoso para reconhecer essa verdade. Tenho a impressão de que não estamos na Terra Prometida, estamos na terra das promessas. Promessas vazias, digo-o a todos os judeus, incluindo ministros, primeiro-ministro, chefe de Estado...

A questão, em 1940, não foi a de criar dois estados, no início? Ninguém pensava em dois estados. Ninguém pensava mesmo no Estado de Israel. Israel expulsou os

palestinianos das suas cidades, das suas terras e propagandou que os palestinianos não existiam. Mas nós estávamos cá, eles preferiram ser míopes. Há a famosa frase de Theodore Herzl: "Uma terra vazia deve pertencer a um povo que não tem Estado." A assistente dele disse-lhe que a Palestina era superpovoada. Ele respondeu: "Devemos ser míopes, fazer como se não houvesse ninguém."

Hoje, a situação está bloqueada. Devem fazer-se esforços para recordar que é possível viver em conjunto?

Sim, dessa fé de que os judeus são seres humanos como nós é que partimos para uma nova visão na qual judeus e palestinianos têm que viver juntos. Não é possível viverem separados. Desde há 60 anos, os dois [lados] dizem que estamos condenados a viver juntos. É altura de começar a pensar que temos o privilégio de viver juntos.

Os dois continuam a dizer: a Palestina pertence-me, a terra é minha. Mas nenhum conseguiu controlar a terra: Israel não é apenas um Estado judeu, há 20 por cento de árabes e 25 a 30 por cento de palestinianos sob ocupação israelita. A terra não pode pertencer nem aos judeus nem aos palestinianos. São os judeus e os palestinianos que têm que aprender como partilhar as suas vidas nesta terra. De outro modo, vamos até à destruição.

Não há líderes comprometidos com a não-violência?

Os líderes que podem representar os palestinianos estão na prisão, seja nas prisões árabes, seja nas prisões israelitas. Não nos faltam líderes, falta-nos liberdade para que os líderes possam agir, falta liberdade de expressão dos palestinianos.

Falta uma figura como Mandela, Gandhi, Luther King, Desmond Tutu?

Talvez. São figuras de referência. Uma vez, estive com Tutu, num jantar com o [então] Presidente [norte-americano] James Carter. Ele disse-me subitamente: "Padre Chacour, tenho muito mais sorte que o senhor, porque sou um negro da África do Sul. Os brancos não queriam expulsar-nos, queriam que fôssemos seus escravos e nós recusámos. A vocês, Israel não queria que vocês fossem os seus escravos, queria que desaparecessem. Por isso temos mais esperança." E ele tinha razão. São os radicais que, no fundo, fazem barulho, mais do que as pessoas que querem viver pacificamente. Como cortar essa força dos radicais?

Não é preciso cortar, é preciso antes dar vitamina às correntes moderadas, dando-lhes a possibilidade de se exprimirem e de terem alguns sucessos para gerar um pouco de esperança no coração dos jovens. Não vale a pena perder tempo com os radicais de um ou do outro lado. É inútil. Os radicais são sempre uma minoria. Mas são eles que marcam o compasso da marcha. Disse isso uma vez a Shimon Peres: "Vocês negligenciaram-nos a nós, cristãos, marginalizaram-nos mesmo, porque não somos violentos. Temos bombas muito poderosas, mas que não matam os corpos. Nós não podemos odiar e essa é a nossa força."

O Papa falou da situação dos cristãos no Médio Oriente quando esteve na região e voltou a falar nas últimas semanas. Como estão as coisas? Nada mudou.



“

Desejo verdadeiramente não ver nenhum judeu,

nem nenhum muçulmano ferido ou a chorar.

Porque quem chora é um homem, que é imagem de Deus.

Quereria colocar um

sorriso no lugar

do medo, um sorriso

de esperança no lugar

do desespero.

Elias Chacour

”

A visita do Papa deveria ter tido outras consequências?

A visita recordou, antes de mais, que Jesus e os discípulos eram daqui, da Galileia. Nós somos os primeiros cristãos, que levaram a boa nova a Atenas, a Roma, a todo o lado... O Papa veio como peregrino e pastor, para encorajar os cristãos a ficar. Com poucos resultados...

Não estamos à espera que o Papa dê soluções aos nossos problemas, mas que mostre compreensão e simpatia pelos sofrimentos do povo e que reze para que a paz chegue...

Um Papa não é um político, vem sempre a cada sítio como homem religioso: reza por nós, escuta-nos, dá-nos uma mensagem de confiança. Aqui, [foi importante] pedir aos cristãos locais que fiquem e não continuem a emigrar para o estrangeiro. Não podemos ver os nossos jovens partir para a Europa, a América ou a Austrália. A emigração está a matar-nos.

É possível continuar a ter comunidades cristãs que sejam sinais de paz na região?

Em Israel, há uma comunidade cristã, a única com uma linguagem diferente: reconciliação, perdão, direito dos pobres. O nosso papel é demasiado importante para ser negligenciado. Somos conhecidos por ser uma voz de moderação: não estamos com o Estado quando o Estado é violento, não estamos com os indivíduos quando eles utilizam a violência. A violência, para nós, está fora de questão. E isso perturba as autoridades.

Aqui [Israel], temos liberdade de movimentos e uma liberdade de expressão bem ampla. O nosso problema não vem do facto de

sermos cristãos, mas de sermos também palestinianos, ou seja, árabes em Israel. A política de Israel não é uma política de integração mas de tolerância - uma das piores que podem existir.

No discurso do Ano Novo, o Papa pediu aos governos uma acção decisiva contra as perseguições aos cristãos. Que acções seriam importantes?

É necessária solidariedade. Seria muito importante que os peregrinos que vêm à Terra Santa consagrassem uma parte da sua peregrinação a visitar os cristãos, que conheçam também as pessoas e não apenas as pedras. Muito poucos cristãos do Ocidente conhecem os cristãos do Médio Oriente. Ficam espantados quando dizem que somos cristãos e perguntam quando nos convertemos do islão...

Na Igreja Melquita, há pessoas casadas que se tornam padres...

A nossa é uma igreja oriental, bizantina. Estamos em comunhão com Roma. Mas temos 17 padres, num total de 30, que são casados. São muito bons, muito dedicados. Sintome muito orgulhosos deles.

Num dos seus livros, diz que o seu ideal é secar as lágrimas a cada judeu, cada muçulmano, cada cristão. Continua a ser?

Desejo verdadeiramente não ver nenhum judeu, nenhum muçulmano ferido ou a chorar. Porque quem chora é um homem, que é imagem de Deus. Quereria colocar um sorriso no lugar do medo, um sorriso de esperança no lugar do desespero.

E essa esperança é possível ainda? Em breve?

Claro que sim. Espero que o mais cedo possível.

residência artística
teatro meridional

organização
A ESCOLA DA NOITE
reservas
tel. 219 718 218
tm. 966 302 488
e-mail: geral@teatromeridional.pt

CONDIÇÕES ESPECIAIS
PARA ASSISTIR A TODOS
OS ESPECTÁCULOS

workshop de interpretação
MIGUEL SEABRA
Estúdio Bonifrates > 9 a 11 FEV

conferência
sobre o processo criativo
do Teatro Meridional
TCSBar > 9 FEV quarta 18h00

documentário
de PATRÍCIA POÇÃO sobre
escravidão de 1974
TCSBar > 11 FEV sexta 21h30

exposição
de SUSANA PAIVA sobre a
criação de "1974"
TCSB foyer > até 13 FEV segunda
a domingo 10h00/24h00

Conversas com o público
no final da primeira sessão de
cada espectáculo
TCSBar

encenação Miguel Seabra
**contos em viagem
Cabo Verde**
8 9
FEV 21h30 terça quarta

recital com Natália Luiza
**Portugal
dos Poetas**
10
FEV 21h30 quinta

encenação Miguel Seabra
1974
12 13
FEV 21h30 sábado e domingo

TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO
MC Movimento da Cultura
digARTES
CISION
servilimpe
www.RU.pt
ESTUDIOS